

NELSON ROCKEFELLER, A ASSOCIAÇÃO AMERICANA INTERNACIONAL (AIA) E A IDEOLOGIA DA MODERNIZAÇÃO EM BUSCA DE NOVAS FRONTEIRAS (1946-1961)

Claiton Marcio da Silva¹

Resumo: Historiadores como Michael Latham e Nils Gilman compreendem o final da década de 1950 e o início da década de 1960 como o melhor ponto de entendimento da ideologia da modernização, marcada principalmente pela ascensão das teorias do economista norte-americano Walt Whitman Rostow e incluída na agenda da administração do Presidente John Fitzgerald Kennedy (1961-1963). No entanto, os dois estudiosos indicam que o momento posterior ao final da Segunda Guerra Mundial também já indicava o surgimento de propostas modernizadoras. Desta forma, aproximaremos a atuação da AIA com o contexto da ideologia da modernização e a “intrínseca” vontade de transformar o mundo à imagem e semelhança dos Estados Unidos. Este trabalho procura explorar esta ideologia como uma forma diferente de intervenção norte-americana sobre a América Latina e outros continentes, utilizando-se de instrumentos como a assistência técnica e financeira para manutenção de relações de dominação política, econômica e cultural.

Palavras-chave: Modernização; Nelson Rockefeller, AIA, Estados Unidos, América Latina.

NELSON ROCKEFELLER, THE AMERICAN INTERNATIONAL ASSOCIATION (AIA) AND THE IDEOLOGY OF MODERNIZATION SEARCHING FOR NEW FRONTIERS (1946-1961)

Abstract: Historians' general interpretations about ideology of modernization refers to late 1950's and early 1960's as the best period to understand the rise of this kind of social, politic and economic intervention. At that period, the rise of Rostow's theories about modernization and development were included in JFK governmental agenda. Otherwise, experts also have written about late 1940's as a important age for modernization purposes. Here, our argument is linking Nelson Rockefeller's American International Association as an agency which started these kind of work. In this sense, this article aims to interpret the ideology of modernization as a different way of American intervention over Latin-America and other continents.

Key-words: Modernization, Nelson Rockefeller, AIA, United States, Latin-America.

¹ Doutor em História das Ciências. Professor adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS. Artigo resultante da tese de doutorado “Agricultura e Cooperação Internacional: a atuação da *American International Association For Economic And Social Development* (AIA) e os programas de modernização no Brasil (1946-1961), orientada pelo Professor Robert Wegner e defendida junto ao programa de pós-graduação em História das Ciências da Casa de Oswaldo Cruz, COC/Fiocruz em 2009. É importante mencionar o apoio do Rockefeller Archive Center (RAC) na disponibilização de fontes primárias para a realização deste artigo.

Introdução: por um “novo” mundo após a Segunda Guerra Mundial

If we in America believe in the economic, political and social philosophies and practices that have made us a great nation it is our duty and privilege to do all we can in a concrete practical way to work with other peoples of the world toward the achievements of similar or equally satisfactory goals. (Kenneth Kadow, funcionário da AIA em 1946)

Com uma retórica mais próxima da benevolência do que da perspectiva colonialista, a tese que o empresário norte-americano Nelson Rockefeller² apresenta no início da Guerra Fria estaria amparada na ideia de que o capital norte-americano deveria participar no desenvolvimento econômico do país em que estaria investindo (DALRYMPLE, 1968:3). Opondo-se a uma estratégia de dominação econômica estritamente colonial, onde as colônias são forçadas à adaptar-se à economia da metrópole, a *American International Association For Economic And Social Development* (AIA, ou Associação Americana Internacional) trouxe para o contexto do pós-1945 algumas iniciativas colocadas em prática por agências governamentais norte-americanas, missionários e outros grupos nas Filipinas e América Latina desde o início do século XX, proporcionando condições de “Americanizar” as demais nações.

Este artigo procura analisar como a fundação de uma agência internacional de iniciativa filantrópica como a AIA e sua atuação no Brasil ajudou a moldar a política externa norte-americana em relação aos países “subdesenvolvidos” nas décadas de 1950 e 1960. Enfocamos neste artigo, a articulação entre as iniciativas de assistência técnica para agricultura e relação com a Ideologia da Modernização emergente no período. O argumento deste artigo, neste sentido, aponta que as iniciativas de auxílio aos países “subdesenvolvidos” contidas em planos governamentais como o Ponto Quatro (1950) e a Aliança para o Progresso (1961-1970) estavam contidos em ações de agências como a AIA, muito antes de serem sistematizadas mais tarde agentes governamentais ou mesmo

² Nelson Aldrich Rockefeller nasceu em 1908 e foi batizado em homenagem ao seu avô materno, o senador Republicano Nelson Aldrich. Homem de negócios, político, filantropo, colecionador de artes, entre outras atividades que marcaram a carreira do terceiro filho de John D. Rockefeller Jr. e Abby Aldrich Rockefeller, Nelson pertenceu a uma família que conquistou ainda no século XIX uma grande fortuna, inicialmente, com a exploração de recursos naturais: o petróleo, com a *Standard Oil Company*, cuja subsidiária na Venezuela – a *Creole Petroleum Co.* – da qual Nelson fez parte do Board of Directors (1935-1940). Ainda no final do século XIX e durante o início do século XX, a família Rockefeller iniciou também a participação em atividades filantrópicas, sendo que a AIA estaria ligada, de acordo com o próprio Nelson, à esta tradição.

pelo economista Walt Whitman Rostow³ (1916-2003).

Fundada em julho de 1946 e extinta em 1968, teve atuação no Brasil e na Venezuela. Além disso, com algumas iniciativas mais isoladas, atuou na China e Índia e em outros países da América Latina na década de 1960. No Brasil, a atuação da AIA em programas de assistência técnica em agricultura ocorreu entre 1946 e 1961, sendo que entre 1961 e 1968 esta agência passou a enfatizar o desenvolvimento de atividades relacionadas à pesquisa no cerrado e a criação de uma agência de desenvolvimento e colonização, acompanhando o contexto da expansão territorial para o Brasil central e a construção de Brasília. A AIA nasceu incluindo, de forma siamesa, outra instituição que separou-se em seguida, o *International Basic Economy Corporation* (IBEC), agência com fins lucrativos formada ainda em 1946 – começando atuar em janeiro do ano seguinte –, enquanto a AIA permaneceu como instituição filantrópica.

**Modernizar é preciso: quando a “marcha da ciência e da tecnologia” avança
“sobre os obstáculos da língua, raça e tradições”**

O mundo de amanhã, cintilando com a promessa de uma vida melhor, necessita de novos caminhos para que a marcha da ciência e da tecnologia estejam acima dos obstáculos da língua, raça e tradições. A AIA é um caminho para preencher estas lacunas entre os povos para que os benefícios da ciência e da nova tecnologia possam irradiar mais amplamente sobre a terra (ROCKEFELLER, apud DALRYMPLE, 1968:15)⁴.

Se esta proposição de Nelson Rockefeller sobre a AIA no início da década de 1950 ecoa pressupostos caracteristicamente iluministas, onde a ciência e a tecnologia seriam consideradas a maneira mais adequada de levar seus progressos às mais diferentes nações, pode nos remeter, ao lado disso, a uma forma de ação característica do pós Segunda Guerra. O antropólogo colombiano Arturo Escobar afirma que especialistas das Nações Unidas imbuídos com o objetivo de disseminar políticas econômicas colocavam em 1951, que o progresso econômico não seria possível sem que

³ A principal obra de Rostow, “The Stages of Economic Growth: a non-communist manifesto” (1960), foi também publicada em português no início da década de 1960 com o título de “Os estágios do crescimento econômico: um manifesto anticomunista”. As teorias e interpretações de Rostow foram influentes junto ao governo norte-americano, onde também foi conselheiro de segurança durante a década de 1960.

⁴ “Tomorrow’s world, bright with promise of better living needs new highways for the march of science and technology over the obstacles of language, race and customs. AIA is one way of bridging these gaps between people so that the benefits of science and the new technology can spread more widely over the earth”.

as velhas instituições sociais, as diferenças de classe, raça e credo fossem desfeitas. (Ver ESCOBAR, 1995:20)

Por vezes, o liberal e internacionalista, Nelson Rockefeller atendia a impulsos semelhantes aos críticos do *New Deal* e isolacionistas, como o conservador Senador Republicano Kenneth Wherry (1892-1951). Um ponto em comum entre estas duas tendências de pensamento era que os Estados Unidos representariam o ponto máximo da evolução em termos de sociedade. De acordo com o historiador Michael E. Latham, durante a guerra, Wherry era um “típico proponente de uma campanha para modernizar o mundo” à imagem dos Estados Unidos (LATHAM, 2003:1). Na verdade, Wherry não era o único a pensar que liberalismo, capitalismo e democracia deveriam ser identificados como o estágio máximo a ser alcançado por outras sociedades. Como exemplo, Kenneth Kadow⁵, parceiro de Rockefeller na criação da AIA em 1946 lhe escreveu na mesma entonação:

Se nós Americanos acreditamos que nossa economia, política, filosofia social e práticas que fizeram de nós uma grande nação, é nossa tarefa e privilégio fazer tudo que pudermos de uma maneira concreta para trabalhar com outros povos do mundo em direção à conquista de similares ou iguais objetivos satisfatórios. (AIA, 1946:14)

No entanto, se a ênfase de Wherry esteve sobre a China, Nelson Rockefeller, Kenneth Kadow e os outros proponentes da AIA procuraram direcionar suas ações principalmente para a América Latina. E a relevância destas proposições é que, de certa forma, a AIA trouxe para este contexto pós 1945 muitas ações que estavam sendo colocadas em prática ainda nas décadas de 1920 e 1930. De acordo com o historiador Michael Adas, embora o termo “modernização” fosse raramente utilizado antes do final da Segunda Guerra Mundial, tarefa semelhante foi realizada por missionários, educadores e engenheiros que promoveram mudanças culturais, políticas e econômicas na China, Filipinas e América Latina naquelas décadas (ADAS, 2003:26). Nesta mesma perspectiva, o historiador Thomas O’Brien argumenta que nas primeiras décadas do século XX a atuação das corporações norte-americanas em países da América Latina deixou a marca nas relações entre o setor público – representado pelas elites Latino-

⁵ Kenneth Kadow foi o principal articulador das proposições iniciais da AIA. Nelson Rockefeller esboçou o projeto da agência, mas as principais linhas de atuação foram desenvolvidas por Kadow, que utilizou seu *background* do Departamento de Horticultura da Universidade de Delaware, nos Estados Unidos durante a década de 1930 e também sua experiência no *Food Supply Division*, parte integrante do CIAA durante a Segunda Guerra Mundial. Também, durante o processo de constituição da AIA, Kadow visitou universidades e ranchos norte-americanos para observar as técnicas de produção agrícola com o intuito de tentar adaptá-las às sociedades latino-americanas.

Americanas – e a iniciativa privada, que imprimiu através dos ideais da racionalização, um esforço para sistematicamente direcionar a vida econômica, organizando os seres humanos e a natureza para alcançar o máximo de eficiência na produção. (O'BRIEN, 1996:2-4)

A AIA trouxe alguns destes ideais de forma sistematizada para o pós-guerra ao empreender um tipo de assistência técnica pautada em princípios que seriam institucionalizados em programas de assistência técnica como o Ponto Quatro durante o governo de Harry Truman. O discurso de posse de Truman, proferido em 20 de janeiro de 1949, é marcado por um entendimento semelhante: seria necessário que os Estados Unidos fossem um elemento ativo no auxílio à modernização dos demais países, levando industrialização, urbanização, crescimento da produção material e dos níveis de vida e ideais educacionais e culturais modernos. (ESCOBAR, 1995:20) Em outras palavras, o quarto ponto do discurso de Truman trouxe para dentro da política externa dos Estados Unidos determinados ideais que estavam sendo disseminados por missionários antes da Segunda Guerra e pela AIA e outras instituições após 1945: o Ponto Quatro⁶.

Nas décadas de 1950 e 1960, em um contexto de Guerra Fria, as proposições da Teoria da Modernização tornaram-se um poderoso modelo de análise e prescrição. Para Michael Latham, esta teoria se tornou a mais influente maneira de entender o mundo e direcionar seu futuro (LATHAM, 2003:2). Diferenciando-se da ideologia imperialista da virada do século XIX ou do Destino Manifesto, as ações de agências internacionais como a AIA estariam mais próximas de um discurso benevolente. A diferença das ações neste contexto histórico marcado principalmente pelo final da Segunda Guerra Mundial estaria marcada não mais pela simples destinação de recursos provindos das colônias para os países colonizadores, mas da ciência e da tecnologia e todos os seus benefícios que deveriam ser distribuídos “amplamente sobre a terra”, de acordo com as palavras do próprio Rockefeller.

A utilização destes benefícios como instrumento político efetivo – uma ideologia, conforme sugestão de Latham – traria os elementos da Teoria da Modernização para o debate sobre o pós-guerra: se prometia, com o apoio da ciência e

⁶ O programa de assistência técnico-financeira aos países considerados subdesenvolvidos, chamado Ponto Quatro (Point Four), foi originado do quarto ponto do discurso de posse do Presidente Harry Truman em 1949 e entrou em ação em 1950.

da tecnologia, encontrar a maneira mais adequada para que as visões de mudança social e progresso pudessem garantir uma ordem na qual os Estados Unidos dispusessem aos países em processo de descolonização ou desenvolvimento um modelo envolvendo uma determinada concepção de capitalismo, liberalismo e democracia (ADAS, 2003:25). Nos anos que sucederam o final da Primeira Guerra Mundial, países como a Inglaterra e a França questionavam as premissas da tecnologia: se esta tanto tinha conduzido a avanços sociais, por outro lado, intensificou a própria guerra, “marchando” em direção contrária aos avanços da humanidade. O historiador Michael Adas argumenta, por outro lado, que os norte-americanos estariam interessados nos avanços tecnológicos como forma de resolver as contradições sociais internas. Desta forma, se após a revolução industrial os Europeus utilizaram-se dos avanços tecnológicos para justificar suas diferenças sobre o resto da humanidade, estabelecendo novas hierarquias e representando a si mesmos como racionais, energéticos, disciplinados, pontuais, eficientes e com a “mentalidade progressiva”, estes ideais foram evocados pelos norte-americanos envolvidos em esforços colonizadores entre 1890 até a Primeira Guerra Mundial e, de maneira diferenciada, por proponentes das teorias modernizadoras nas décadas de 1920 e 1930 e especialmente na Guerra Fria (ADAS, 2003:26).

Kenneth Kadow demonstraria à sua maneira, que estes ideais associando tecnologia ou conhecimento técnico à noções superioridade, permaneceriam ecoando após 1945. Afirmando que a América Latina não possuía trabalhadores tecnicamente habilitados em número suficiente para aproveitamento dos recursos naturais abundantes, esta agência trabalharia com este intuito. E com uma extrema credibilidade no capital técnico norte-americano, provocava seus contemporâneos: “Se nós, com nosso conhecimento técnico e experiência não pudermos fazer a ciência funcionar é melhor ficarmos em casa e deixar nossos vizinhos Latino-Americanos resolver seus próprios problemas da melhor forma que puderem.” Para Kadow, o “desenvolvimento científico dos recursos humanos e naturais de uma nação é uma conexão necessária para um povo próspero” (FROM KADOW TO ROCKEFELLER, 1945:1).

Michael Adas afirma que, após a Segunda Guerra, o paradigma da modernização tomou o lugar da missão civilizadora como ideologia de domínio Ocidental. Desta vez, diferentemente dos impulsos da expansão colonial dos séculos XVIII e XIX, não mais os missionários, viajantes e mercadores europeus colocavam-se como os porta-vozes deste projeto, mas os cientistas sociais que formularam uma nova ideologia “muito mais sistemática e coerentemente articulada do que sua predecessora”. Novas hierarquias

abordando os níveis de desenvolvimentos – primeiro, segundo, terceiro e (posteriormente) quarto mundo; pós-moderno, moderno, tradicional, primitivo; “maduro”, em desenvolvimento e subdesenvolvido – substituíram os termos de outros tempos, mais precisamente a escala civilizado/bárbaro/selvagem que serviu como padrão durante a expansão colonial (ADAS, 2003:35).

Modernização, neste sentido, era associada com racionalidade, empirismo, eficiência e mudança progressiva, enquanto que a tradição conotaria fatalismo, apoio nos costumes e no sagrado, indisciplina e estagnação (ADAS, 2003:35). Retomando Escobar, o *desenvolvimento*, entendido enquanto um regime de representação – uma invenção – teria moldado as concepções da realidade e da ação social dos países que, desde então, conhecem-se ou são conhecidos como *subdesenvolvidos* (ESCOBAR 1995:14). A abordagem da AIA caminha por este mesmo sentido:

Muitas das áreas sub-desenvolvidas do mundo hoje foram, em um passado não tão distante, parte de um grande império colonial. A essência do colonialismo consistia em um país relativamente mais desenvolvido exercer controle político e econômico sobre um país não desenvolvido. Assim, as colônias eram provedoras das matérias-primas. O *know-how* técnico e o capital, da metrópole. Se eles [as colônias] alcançassem os padrões dos povos colonizadores, era apenas incidentalmente e estava confinado a uma pequena classe de líderes coloniais (AIA, 1949:2).⁷

Argumentando de forma semelhante, o historiador Michael Latham refere-se aos modelos de classificação propostos ainda no século XIX e analisados por Michel Foucault, da qual “ninguém poderia escapar”. Desta forma, durante a Guerra Fria, identificando as “deficiências” dos países em “desenvolvimento”, os proponentes da Teoria da Modernização fizeram ecoar velhas representações do poder Ocidental e as utilizaram política, econômica e administrativamente como forma de definir uma trajetória particular: uma evolução em termos de progresso. Armados com um modelo inspirado em evidências empíricas e históricas do que entendiam enquanto uma ordem orgânica e natural, os cientistas sociais e *policymakers* do século XX utilizaram-se de velhas representações para definir “modernização” como uma variável unitária de

⁷ “Many of the under-developed areas of the world today were, in the not too distant past, parts of some great colonial empire. The essence of colonialism was that a relatively well developed country exercised both political and economic controls over an undeveloped country. Usually colonies were maintained primarily as sources of raw materials. The technical “know-how” and capital of enriching the mother country. If they enhanced the standards of colonial people, it was usually incidental and was confined to a small class of colonial leaders.”

mudança global e clamaram autoridade para gerenciá-la (LATHAM, 2000:15), colocando sua própria sociedade como o ponto máximo de uma escala linear.

O historiador Michael Adas argumenta que a teoria da modernização se diferencia das ações Imperialistas principalmente por três aspectos: o primeiro versa que as proposições modernizadoras se afastariam do nazismo e seu discurso de suposta superioridade racial; o segundo aspecto discute que neste contexto – não mais como o imperialismo do século XIX onde os europeus deixavam para si mesmos a tarefa de empreender um processo de “civilização” dos “selvagens” –, as próprias elites locais eram treinadas para exercer um processo de passagem do “tradicional” para o “moderno”; o terceiro aspecto aborda que a transformação de uma sociedade “tradicional” em “moderna” não se constituía como uma palavra de ordem durante a Era Colonialista. Para a Ideologia da Modernização, entretanto, o ideal seria a constituição de um mundo industrializado de nações competitivas interagindo em um mundo capitalista e de livre-comércio, o que levaria à modernização de nações que em outro momento da história serviram tão somente como fornecedoras de matérias-primas para os países em processo de industrialização (ADAS, 2003:35-36). A seguir, discutirei cada um destes aspectos de forma mais detalhada.

Em relação ao primeiro aspecto proposto por Michael Adas, o autor discute que o nazismo – e as atrocidades perpetradas em nome da pureza racial – ou os questionamentos nacionalistas realizados na África e Ásia contra a suposta posição de superioridade racial dos colonizadores teriam influenciado na formulação de premissas antirracistas desta nova ideologia (ADAS, 2003:35-36). Aproveitando o argumento proposto por Michael Adas, pode-se interpretar que a experiência histórica tanto de Nelson quanto de seu irmão David Rockefeller, que mais tarde juntou-se à AIA, não deixou de aliar a noção de que os regimes políticos fundamentados por características raciais, como o nazismo, teriam uma conotação autoritária. Neste sentido, o próprio David descreveu sua visita à Alemanha em 1937 desta forma:

Através de minhas conversas, soube que muitas pessoas acreditavam que as agressivas exigências de Hitler pelo retorno do território germânico levariam inevitavelmente à guerra, embora ninguém quisesse protestar. Também me pareceu que a crescente organização da vida diária, a ameaçadora ideologia nazista e a flagrante perseguição de judeus e outros tinham produzido uma forte subcorrente de medo e angústia. As pessoas pareciam ter medo de dizer ou fazer algo errado. ‘Heil Hitler!’ era o cumprimento obrigatório para todos. As suásticas estavam em toda parte, e as pessoas tratavam os oficiais nazistas obsequiosamente onde quer que

NELSON ROCKEFELLER, A ASSOCIAÇÃO AMERICANA INTERNACIONAL
(AIA) E A IDEOLOGIA DA MODERNIZAÇÃO EM BUSCA DE NOVAS
FRONTEIRAS (1946-1961)

os encontrassem. A alegria das festas a que compareci parecia forçada e vazia. Voltei à Inglaterra me sentindo deprimido com relação ao futuro. (ROCKEFELLER, 2003:94)

Pautados menos por uma concepção de raça, os defensores dos processos de modernização empreenderiam a tarefa de promover ações visando acelerar a passagem das sociedades em estado “atrasado” para uma sociedade “moderna”, ou seja, uma sociedade que articulasse as atividades econômicas, as mudanças políticas e sociais de forma semelhante aos Estados Unidos. Uma das condições para que este projeto fosse efetivado estaria no desenvolvimento de noções como o conceito de cultura, mais flexível que o conceito de raça: com o entendimento das Ciências Sociais de que a cultura – ou a história – ocupasse um lugar mais relevante do que a raça na interpretação das “sociedades diferentes”, entre outras condições, emanou uma forma diferente de lidar com estas sociedades (LATHAM, 2003:2-4). Cientistas sociais como Franz Boas, Ruth Benedict e Margareth Mead interpretaram e descreveram um mundo mais maleável diferenciado pelo conceito de cultura: neste sentido, raça era menos importante do que história. Seria possível, então, que as diferentes nações interagissem (IRIYE, apud LATHAM, 2003:4) e que a ideia fixa, a barreira imutável entre “selvageria” e “civilização” não teria mais sentido no momento em que o “tradicional” poderia transformar-se cada vez mais em direção ao “moderno” (LATHAM, 2003:5).

Nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, a AIA acompanhou, embora em proporções limitadas, a proposta que ganhou força no contexto internacional, a qual propunha a transformação total das culturas e formação social de três continentes – Ásia, África e América Latina – de acordo com os ditados de nações europeias ou dos Estados Unidos (ESCOBAR, 1995:13). Para isto, cada vez mais eram desenvolvidos determinados modelos que acelerassem a transformação das culturas de um estágio “atrasado” para o “moderno”. Por meio de sua experiência, a AIA teria conseguido desenvolver um método que possibilitaria o aceleração da passagem do “tradicional” para o “moderno”, ao menos de acordo com Robert Hudgens, diretor da agência entre 1948 e 1953. Em 12 de Janeiro de 1951 Hudgens escreveu para Chester Davis – secretário da agricultura durante o *New Deal* – que a “AIA estaria convencida que alcançou um modelo que pode ser repetido em países Latino-americanos, assim como ser adaptado para outras áreas subdesenvolvidas do mundo”

(FROM HUDGENS TO DAVIS, 1951:9)⁸. Este padrão de aceleração da passagem do “tradicional” para o “moderno” enfocado por Hudgens coloca em destaque a discussão de que a cultura pode ser modificada, aproximando a atuação da AIA ao contexto da emergente ideologia da Modernização.

Um segundo aspecto assinalado por Michael Adas leva em consideração que, mesmo que a assistência técnica e o capital norte-americano e europeu tivessem um papel vital na implantação da ideologia da modernização, os próprios africanos e asiáticos – o autor não cita os latino-americanos – também assumiam um papel decisivo nesse processo. Se a natureza do processo de expansão colonizadora do século XIX demandava que os próprios europeus guardassem para si o controle da tarefa de civilização dos selvagens, no processo de descolonização – que coincide com a ascensão da Teoria da Modernização e o auge de sua influência – esta prática se tornou obsoleta e a tarefa de empreender a passagem do “tradicional” para o “moderno” seria desempenhada pelas elites dos próprios países. Este fato, aliado ao apelo anticomunista, explicariam, para o historiador, algumas das razões pelo qual a literatura que trata da modernização apoiou-se em aspectos políticos de transformação, diferentemente da retórica colonialista. Desta forma, algumas das mais influentes proposições dentro da ideologia da modernização centravam-se na mobilidade social, na expansão da participação política e na democratização de instituições políticas como degrau dentro da escala de modernização (ADAS, 2003:36).

Antecipando ações que seriam encontradas nos escritos sobre modernização décadas mais tarde, a conquista das Filipinas seria a mais completa elaboração da ideologia civilizadora dos Estados Unidos pré-1945, de acordo com Michael Adas. A decisão de manter estas ilhas sobre seu domínio forçou os políticos e oficiais da colonização a desenvolver políticas e programas de assistência, o que justificaria a violência empreendida contra os filipinos (ADAS, 2003:30-31). Destoando deste modelo de intervenção, Portugal insistia que os países colonizados como Angola não estavam preparados para a tarefa de governar e que, logo estariam em dependência com os países comunistas (ADAS, apud LATHAM, 2000:5).

Ao voltar os olhos para a atuação da AIA, pode-se perceber a mesma

⁸ “AIA is convinced that it has arrived at a pattern which is repetable in Latin American countries, and can be adapted to other under-developed areas of the world”. Hudgens continua: “this would amount to taking the combined tools of agricultural credit, Extension education, land tenure reform, nutrition information, and farm-to-market roads into other neighboring countries where the pattern of operation can be easily repeated”.

preocupação constante com a necessidade de que os “nativos” dos países em desenvolvimento tivessem um papel ativo na implantação destes programas de modernização. Martha Dalrymple, jornalista da AIA, insistia, por exemplo, que a atuação desta agência na implantação de programas assistência técnica, não deixava de implicar que “a solução dos problemas seria dada pelas pessoas do próprio país. A AIA teria o papel de treinar as pessoas e desenvolver instituições para fazer o trabalho” (DALRYMPLE, 1968:13). Também, como exemplo, Roscoe C. Martin, professor de Ciência Política na *Syracuse University*, ainda na década de 1950 considerava que esse papel ativo dos locais era um pressuposto do próprio conceito de assistência técnica (ROSCOE, 1952:260). No entanto, exatamente por este pressuposto, o processo de transferência de conhecimentos técnicos teria suas dificuldades. Diante delas, o mesmo professor Martin reflete: as técnicas são transferíveis se elas não forem totalmente “estrangeiras” aos costumes e maneiras de vida dos “locais”, o que tornaria imperativo que o processo de transferência de conhecimento técnico fosse possibilitado apenas com o estabelecimento de relações sutis, cordiais para com as diversas instâncias que deveriam adotar o programa (ROSCOE, 1952:265).⁹ Para este autor, tanto os cientistas sociais quanto os administradores públicos e sua “engenharia social” ocupariam uma posição central no processo de implementação de assistência técnica (ROSCOE, 1952:266)¹⁰ para a formação de uma elite local que pudesse por em prática as premissas modernizadoras.

Por fim, o terceiro aspecto da teoria da modernização apontado por Michael Adas diz respeito ao fato de que a transformação de uma sociedade “tradicional” em “moderna” seria impensável na Era Colonialista. Mesmo em sua mais benevolente manifestação, os objetivos civilizadores queriam reformular a economia das colônias para tornar-se compatível com a economia da metrópole. Já para a ideologia da modernização, a industrialização ocupa quase que invariavelmente, um papel central para o desenvolvimento completo das sociedades tradicionais. O ideal, neste sentido, seria um mundo industrializado de nações competitivas interagindo em um mundo

⁹ “Techniques are transferable, it may be supposed, if they are not wholly foreign to local (or native) ways of life. Complete acquiescence in the limitations imposed by local customs would of course mean no progress at all; confronted with this alternative, the technical assistance experts might better give up and go home [...] “It emphasizes anew the imperative need on the part of the technical assistance experts to establish cordial local relations with both public and public servants, and more especially with those affected by the program.”

¹⁰ “They carry our one best hope that government throughout the world will make increasing use of the experience and skills at hand for its employment.”

capitalista e de livre-comércio (ADAS, 2003:37). Este ideal é um tema notório contido na documentação da AIA. A disparidade entre os países considerados desenvolvidos e subdesenvolvidos, criada por uma longa experiência histórica, tornou-se cada vez mais um problema a ser levado em consideração pela agência¹¹, que se ocuparia estabelecer relações “educativas” e que trariam benefícios a todos os envolvidos no processo (AIA, 1949:2)¹².

Entretanto, conforme sugerem os historiadores Michael Latham e Michael Adas, a teoria da modernização não significa unicamente novidade e um rompimento absoluto com as velhas ideologias. Walt Whitman Rostow, por exemplo, afirmaria em 1961 que a *modernização* tomaria lugar do colonialismo. Neste ponto de vista, a modernização seria entendida como uma maneira de continuar os privilégios e direitos de um poder dominante em uma era na qual as nações da África, Ásia, Oriente Médio e América Latina demandavam por independência (LATHAM, 2000:16) ou, pode-se acrescentar, onde os regimes nacionalistas ganhavam espaço.

Por outro lado, não se pode considerar que as ações de agências internacionais durante a Guerra Fria sejam apenas um simples reflexo do imaginário expansionista do século XIX. Retomando o argumento tanto de Michael Adas quanto de Michael Latham, os representantes da modernização diferenciam-se em diversos aspectos do expansionismo colonialista e do Destino Manifesto do século XIX, mas em outros parecem ecoar e remodelar após 1945 estas ideologias. Considerando que a posse formal de novos territórios estrangeiros ou mesmo a expansão para o Oeste não foi levada adiante com o mesmo ímpeto durante as primeiras décadas do século XX, uma aplicação simples do conceito de Destino Manifesto ou mesmo de Imperialismo não poderiam ser utilizadas com o sucesso desejado.

Também, a proposição de ações visando a modernização não encontrou apenas adeptos ansiosos, mas envolveu uma série negociações visando o convencimento de que

¹¹ “Thus there developed serious social and economic problems arising out of the disparity between the under-developed nations and the highly industrialized nations, but there developed an even greater disparity within each nation between the top economic group and the lower economic group that created a more volatile problem, socially and economically.”

¹² “New relations among nations are slowly emerging, and with them a relation of extending greater material benefits to a larger proportion of mankind. There is a growing international recognition that the two disparities must be eliminated. One of the important factors is the growing struggle for self improvement among the under-privileged peoples of the world. Through improved communications they have learned of the ways in which both the quality of the life have been expanded, and they have developed a strong desire for the fruits of modern civilization for themselves and their countries. AIA attempts to channel this desire into methods and educational techniques whereby their goals may be achieved – through their own initiative.”

este projeto era mesmo necessário. A ideologia da modernização, neste sentido, não significou exatamente a mesma coisa para todos os grupos e nem foi por todos assimilada. Enquanto os norte-americanos entenderiam modernização como um processo de verdade empírico apoiada em uma autoridade que definiria seus parâmetros, as elites das áreas subdesenvolvidas apropriavam-se seletivamente destas proposições adequando-as a seus propósitos (LATHAM, 2003:3). Neste sentido, após a Segunda Guerra Mundial, uma diversidade de interlocutores foi inserida neste diálogo no momento em que a cooperação técnica se tornou um dos principais instrumentos da manutenção de relações internacionais de poder nem sempre simétricas naquele período. América Latina, Europa, Ásia e África receberam agentes, financiamento e orientações de como desenvolver programas relacionados à agricultura. As condições locais, por outro lado, impuseram mudanças neste “modelo”.

Conclusão

A atuação de agências internacionais filantrópicas como a AIA no período do pós-segunda guerra não foi a aplicação das “velhas ideologias” do século XIX, como a expansão colonial ou o Destino Manifesto. No entanto, sugere-se que esta maneira de atuação, procurando modernizar o mundo à maneira dos Estados Unidos, trouxe outra maneira de atuação mergulhada em ressignificações das velhas ideologias citadas. Em outras palavras, se a intervenção na América Latina não aconteceu com o aparato militar durante a década de 1950, ocorreu através de termos como assistência técnica, entre outros. Se a ideologia da modernização ocupava-se em promover o mundo industrializado como sinônimos do mundo moderno, não se pode excluir a questão de que o processo de industrialização iniciado nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX necessitou organizar a agricultura e o mundo rural à sua imagem e semelhança. Ou ao menos, organizar o mundo rural tendo em vista suas premissas mais importantes como racionalidade, eficiência e respeito pelo empirismo. Tendo em vista a experiência histórica dos Estados Unidos também na agricultura, em sua forma “moderna”, este foi o principal instrumento utilizado pela AIA para alcançar os objetivos propostos pelos modernizadores no Brasil.

Referencias Bibliográficas

Fontes

1945. FROM KADOW TO ROCKEFELLER. December 7th, 1945. Collection: Family, Record Group: III 4B, Box: 01, Folder: AIA – Bolivar Foundation.

1946. FROM KADOW TO ROCKEFELLER. The American International Association for Economic and Social Development. **An explanation of its objectives and method of operation by Kenneth J. Kadow for Nelson A. Rockefeller.** Feb.19th, 1946. Collection: Family. Record Group: III 4 B. Box 01, Folder AIA – Simon Bolivar Foundation.

[1949]. American International Association for Economic and Social Development (AIA). **The first three years.** Rockefeller Archive Center.

1951. FROM HUDGENS TO DAVIS. Jan.12th, 1951. Collection: Family, Record Group: III 4B, Box: 03, Folder 23 AIA – Ford Foundation.

Bibliografia

ADAS, Michael. Modernization theory and the American revival of the scientific and technological standards of social achievement and human worth. In: ENGERMAN, David C., GILMAN, Nils, HAEFELE, Mark H. & LATHAM, Michael (ed.). **Staging growth.** Modernization, development, and the Global Cold War. Amherst: University of Massachusetts Press, 2003.

DALRYMPLE, Martha. **The AIA story.** Two decades of international cooperation. New York: AIA, 1968.

ESCOBAR, Arturo. **Encountering development.** The making and unmaking of the third world. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1995.

LATHAM, Michael. **Modernization as ideology.** American social sciences and the “nation building” in the Kennedy era. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2000.

_____. Introduction: modernization, international history, and the Cold War World. In: ENGERMAN, David C., GILMAN, Nils, HAEFELE, Mark H. & LATHAM, Michael (ed.). **Staging growth.** Modernization, development, and the Global Cold War. Amherst: University of Massachusetts Press, 2003.

MARTIN, Roscoe C. Technical Assistance: The Problem of Implementation. In: **Public Administration Review**, Vol. 12, No. 4. (Autumn, 1952).

O'BRIEN, Thomas F. **The revolutionary mission.** American enterprise in Latin America, 1900-1945. New York: Cambridge University Press, 1996.

ROCKEFELLER, David. **Memórias.** Rio de Janeiro: Rocco Editores, 2003.